



**O LIVRO DE LÍBERO**  
ALFREDO NUGENT SETUBAL

intrínseca



O LIVRO DE

★ ★ ★

**LÍBERO**

---

© 2020 by Alfredo Nugent Setubal

REVISÃO

João Sette Camara

Laís Curvão

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CAPA

Túlio Cerquize

IMAGENS DE CAPA

Endika Valle (montanha verde)

Shutterstock (circo)

Ivan Araújo (casa, na quarta capa)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S522L

Setubal, Alfredo Nugent, 1992-

O livro de Libero / Alfredo Nugent Setubal. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

256 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0617-7

978-85-510-0588-0 [ci]

1. Ficção brasileira. I. Título.

19-61623

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



1

# BALTAZAR

O DIA DO CIRCO



*Todo o resto aconteceu — por que não as  
coisas que poderiam ter acontecido?*

Jonathan Safran Foer

# 1

**S**e nada mudou, ele chegará daqui a dez ou onze horas. É o que dizia o meu livro na última vez que chequei. Talvez venha um pouco mais cedo, talvez desista e nunca apareça. Não sei. Estico o braço na direção do criado-mudo, abro na página marcada pelo fitilho e reconfirmo: por enquanto, tudo igual. Ele continua a caminho, apenas uma madrugada de distância entre nós.

Ele entrará pela fresta de pano sem titubear, sem esperar, sem ser anunciado, exatamente como três décadas atrás, pela repetição dos seus gestos tentando reencenar o passado. Reabitá-lo. Uma segunda chance. Mas não existem segundas chances: milhares de dias e quilômetros nos separaram daquela noite em Pausado. De igual, apenas esta tenda amarela, onde ele vai se esgueirar com a desfaçatez de um cachorro faminto.

— Você gostaria, Líbero, de ler o livro da sua vida? — perguntei a ele naquela noite, a mesma pergunta que repeti para tantas outras pessoas, antes e depois disso.

Nunca mais o vi depois daquela noite. Faz trinta e três anos.

Há algumas horas, sentei nessa poltrona e abri o meu livro. Como todo fim de tarde. Faz muitos anos que decidi só usá-lo assim, a conta-gotas, descortinando o meu futuro de amanhã em amanhã, com a naturalidade de quem folheia a agenda para checar os compromissos do dia seguinte. O futuro distante me assusta, mas não os amanhãs, quase palpáveis. O pote de ouro no fim do arco-íris nunca me interessou, me intriga muito mais o que habita atrás do pôr do sol, na curva do horizonte.

Hoje, porém, não houve pôr do sol.

Não chovia, mas uma luz pálida e insossa iluminava o acampamento. Me recolhi mais cedo do que de costume. Acendi o lampião a gás, sentei na poltrona e abri o meu livro na página marcada. Ali estava a garantia de que haveria um amanhã. O meu amanhã. Comecei a ler. E foi assim, em uma página qualquer, de um parágrafo qualquer, que o amanhã trouxe duas palavras que não deveriam estar ali.

Líbero Perim.

Raramente penso nele, mas nunca deixei de me perguntar o que aconteceu com aquele garoto magricela e curioso depois que correu para fora da minha tenda e da minha vida. Nunca consegui me desfazer do seu livro, vermelho, de capa dura, idêntico ao meu e aos tantos outros que eu e Lourival distribuímos. Guardei como um souvenir, para caso esse dia chegasse. E chegou.

Se nada mudar, Líbero vai aparecer daqui a dez ou onze horas.

Vai me reconhecer de imediato e não vai sentar, não vai ajoelhar. Implorará de pé, sem dizer uma única palavra. Talvez fosse melhor esconder seu livro e mentir: dizer que o que ele procura já não existe. Mas não, se ele veio até aqui que abra aquelas páginas e descubra de uma vez por todas a verdade: o que ele procura já não existe. Tanto faz.

Às vezes, mentiras e verdades são a mesmíssima coisa.

Ainda tenho algumas horas antes da sua chegada para decidir o que falar, o que fazer. Algumas horas para repassar toda sua história. A parte que eu conheço, pelo menos. Aquela que poderia ter sido.

Levanto com dificuldade da poltrona. Minhas pernas doem.

O livro de Líbero está dentro da minha mala-baú, sobrevivente de faxinas, andanças e mudanças. Cruzo a tenda arrastando os pés no chão de terra, o lampião no alto. Sento em frente à mala-baú e começo a cavar em meio a roupas, fotos, cartas e calçados, jogando tudo para fora. O livro está bem no fundo, de onde nunca saiu.

Preciso das duas mãos para arrancá-lo de lá.

Não lembrava que era tão pesado. Ou será que sou eu quem está mais fraco? Já faz um par de anos que parei de distribuir os livros para seus destinatários. Ordens de Lourival Sibelius, meu amigo e dono do circo. Estamos velhos demais para isso, ele disse, já fizemos a nossa parte; é hora de descansar. É isso o que nos tornamos: dois velhos. Ou melhor, três: também o Bosendorf caducou. Em tempos das estrelas de cinema, quem é que ainda quer saber de circo?

Lourival nunca me mandou ler os livros que eu distribuía para os destinatários. Nunca me proibiu, tampouco. Na maioria dos casos, eu lia apenas o suficiente para entender quem eram aquelas pessoas. Com Líbero foi diferente: avancei desenfreado por sua vida, xeretando seu passado e me emocionando com seu futuro.

Tento levantar do chão, mas o peso do livro insiste em puxar para baixo. Mais duas tentativas — os joelhos doem — até finalmente conseguir. Retorno com o livro até a poltrona e sopro a poeira da capa. O vermelho do couro não desbotou nadinha, o título em letras douradas, também não.

Nunca reli o livro de Líbero ao longo de todos esses anos. Nem mesmo o folheei. Jamais tive vontade — aquelas páginas estavam doentes e amaldiçoadas. Um livro morto. Mas agora é diferente: essa noite é a despedida. A última chance. Amanhã Líbero Perim desaparecerá de uma vez por todas levando seu livro. Portanto, como disse a ele naquela noite longínqua, é hoje ou nunca mais.

Abro a capa e me debruço mais uma vez sobre as páginas do livro de Líbero. Folheando, me deixo levar pela correnteza das memórias, a *Gazeta de Pausado*, Massimo e D. Norma, as mangas sagradas, a Praça Central, o padre Enrico Giovanni, até encontrar a página certa, até chegar àquele dia.

O dia do circo.



Para Líbero Perim, dormir era algo parado no tempo. O fundo do mar deve ser assim, imaginava ele, como uma tranquila noite de sono. Adormecia e acordava na mesma posição. A última coisa que via de noite, ao fechar a janela, era sempre a primeira que via pela manhã, ao abri-la. Certo dia, porém, a primeira coisa que saltou aos seus olhos não foi a última que vira na noite anterior. A torre da igreja no fim da cidade e, atrás dela, o morro, talvez colina, onde um toldo azul reluzia sobre a grama. Correndo, sempre correndo, ainda de meias nos pés, desviou dos livros empilhados no chão, desceu as escadas e derrapou sala adentro, onde Massimo, com uma expressão emocionada, segurava três ingressos.

Três ingressos para o circo.

Massimo, era esse o nome do pai de Líbero. Lembro que ele morreria muitos anos depois, engasgado com as palavras que não teve

oportunidade de dizer. Talvez tenha sido assim, talvez não, só Líbero poderá esclarecer o que de fato aconteceu.

Para entender essa história é preciso começar pelo começo, não o começo de tudo, a origem do universo, como acreditava Massimo, ou Adão e Eva, como preferia D. Norma, mas o começo do fim, o ponto em que duas linhas paralelas finalmente se cruzam e duelam num embate sem vencedor: o dia em que a família Perim, e todos os outros habitantes de Pausado, dirigiram seus passos para aquele morro, talvez colina, no limiar da cidade.

Cidade. Provavelmente não seja o termo mais adequado, mas era assim que todos chamavam Pausado. Tantas outras opções: vila, vilarejo, burgo, lugarejo, mas não, foi cidade que escolheram. Tinham muito orgulho daquele pequeno cosmos, por isso eram tão apegados a essas disputas lexicais. Tudo merecia ser adequadamente nomeado, como se aquele mundinho particular pudesse ruir e desaparecer diante de qualquer imprecisão vocabular. Ninguém ali duvidava do poder das palavras. Paróquia, capela ou igreja? Floresta, mata ou bosque? A praça construída no meio da cidade? Praça Central, oras. A única disputa na qual jamais conseguiram chegar a um consenso era aquela pequena elevação de terreno com aclive suave, atrás da igreja. Morro ou colina?

Massimo nunca se cansava de contar essas histórias para Líbero.

Após três dias de debates e deliberações acaloradas, os munícipes decidiram: Pausado era uma cidade. Dizem que o velho Jucá, comerciante das antigas, preocupado com os encargos tributários de uma legislação municipal, fez um dos discursos mais exaltados:

— Vocês estão loucos? Se isso aqui é uma cidade, seus desvairados, provavelmente é das menores do mundo! Querem nos fazer passar vergonha?

Pelo contrário. Gostaram tanto da ideia que a adotaram como lema: “Pausado, a menor cidade do mundo”. Vai ver conseguiam até atrair alguns turistas excêntricos. Mas tudo isso foi muito antes de Líbero nascer.

E assim teve início aquele dia, o dia do circo, como todos os outros: abriu os olhos. Mas não estaria sonhando ainda? O toldo azul sobre a grama, ele correndo, as meias nos pés, desviando dos livros empilhados no chão, derrapando para a sala onde Massimo, com uma expressão emocionada, segurava três ingressos.

Três ingressos para o circo.

— O que é o circo, Pa?

Massimo também jamais estivera em um, mas respondeu com a firmeza que a condição paterna exigia e com a convicção que os anos de leituras possibilitavam:

— Um pequeno milagre, Líbero, um pequeno milagre estupendo!

Massimo não era um homem de fé. Confiava no poder dos homens mais do que na força dos deuses, tão altivos, relapsos e ausentes. Preferia acreditar na dádiva da criatividade, das ciências, em modernidade, inovação, era nisso que Massimo confiava: milagres a base de suor, engenhosidade, sacrifício e imaginação, não algo caído do céu. A primeira vez que viu pessoalmente o motor de um automóvel rugindo e rasgando a paisagem em sua velocidade inconfundível, aquilo que, contra toda lógica, contra todas as chances, cálculos e prognósticos, se fazia existir: eis o tipo de milagre que arrepiava cada pelo do braço de Massimo Perim e ao qual ele se referia quando disse, exultante, para seu filho:

— Um pequeno milagre, Líbero, um pequeno milagre estupendo!

Líbero não ousou fazer mais perguntas, teria que aguardar e entender vendo com os próprios olhos. Era difícil controlar a xeretice. A curiosidade era um trunfo, mas também, um tormento. Tinha dificuldade em definir onde terminava a curiosidade e onde tinha início a bisbilhotice, o que podia perguntar, onde podia se intrometer — e onde não podia. Seria um longo dia de espera e ansiedade, mas bastava ver os três ingressos do circo em cima da mesa para ter certeza de que valeria a pena.

Lembro que nas décadas seguintes Líbero repetiria sempre para seus dois filhos, e depois para seus cinco netos, que aquele tinha sido o melhor dia da sua vida, sem nunca perder a chance de narrar tim-tim por tim-tim, misturando fatos e aumentando partes, até que ninguém mais soubesse o que era verdade e o que era imaginação. “Diga, papai”, “desembucha, vovô”, implorariam as crianças. “É verdade que você leu o livro da sua vida?” E Líbero, sem dizer nem que sim, nem que não, apenas sorria de volta.

Naquela manhã, porém, Líbero ainda nem sonhava ter filhos, muito menos netos, e se resignou a sentar à mesa do café para engolir mecanicamente apenas o suficiente para que as engrenagens do corpo não parassem de girar.

— ‘Dia, Mã.

Norma comia em silêncio, ausente, logo ela, tão pouco dada a devaneios. Havia algo destrambelhado no rosto da mãe aquela manhã. Alguns fios escapavam do coque, como se o cabelo estivesse eletrificado. Devia estar encasquetada com aquela história de circo. Desconfiava de tudo o que viesse de fora de Pausado. Não dava chance nem para os mascates que apareciam na cidade vendendo engenhocas do lar e tecidos. Mesmo pagando mais caro preferia comprar no armazém do velho Jucá.

— Acho melhor eu ficar na casa, Massimo.

O Sr. Perim terminou seu gole de café e pousou a xícara na mesa.

— Do que você está falando?

— Não sabemos quem é essa gente — sussurrou Norma. — Já imaginou? A cidade toda trancada naquela tenda enquanto eles se aproveitam para pilhar as nossas casas e...

— Deixa de bobagem, Norma.

— Mas...

— Os ingressos estão comprados e não fazem reembolso.

Líbero sorriu da esperteza do pai, Massimo sabia como ganhar uma discussão. Se tinha algo que Norma não suportava era desperdício financeiro. Voltou a comer em silêncio enquanto o marido formatava o cronograma familiar com sua objetividade jornalística.

— Volto pra casa às seis, saímos às sete, todos com as melhores roupas, claro, e ai se alguém atrasar, deixo pra trás, não quero nem saber.

Massimo não queria perder nada, parecia mais criança do que o próprio filho — até aí, Líbero sempre teve um quê de menino precoce, criança madura. Desde os oito anos trabalhava depois da escola na redação da *Gazeta de Pausado*, jornal fundado por Massimo doze anos antes. Pode parecer absurdo que uma cidade tão pequena, mais precisamente com seus quatrocentos e nove habitantes, tivesse um periódico, mas era assim, o que dizer?

Líbero implorara para que os pais o deixassem passar algumas horas por dia, todos os dias, no escritório da *Gazeta*. “Depois da aula, mãe, por favor. Eu não vou atrapalhar, juro.” Líbero queria ver com os próprios olhos como os acontecimentos do mundo se transformavam em palavras e as palavras em notícias e as notícias em jornal.

Norma demorou a aceitar. Queria o filho debaixo das suas asas.

Líbero não ousou fazer mais perguntas, teria que aguardar e entender vendo com os próprios olhos. Era difícil controlar a xeretice. A curiosidade era um trunfo, mas também, um tormento. Tinha dificuldade em definir onde terminava a curiosidade e onde tinha início a bisbilhotice, o que podia perguntar, onde podia se intrometer — e onde não podia. Seria um longo dia de espera e ansiedade, mas bastava ver os três ingressos do circo em cima da mesa para ter certeza de que valeria a pena.

Lembro que nas décadas seguintes Líbero repetiria sempre para seus dois filhos, e depois para seus cinco netos, que aquele tinha sido o melhor dia da sua vida, sem nunca perder a chance de narrar tim-tim por tim-tim, misturando fatos e aumentando partes, até que ninguém mais soubesse o que era verdade e o que era imaginação. “Diga, papai”, “desembucha, vovô”, implorariam as crianças. “É verdade que você leu o livro da sua vida?” E Líbero, sem dizer nem que sim, nem que não, apenas sorria de volta.

Naquela manhã, porém, Líbero ainda nem sonhava ter filhos, muito menos netos, e se resignou a sentar à mesa do café para engolir mecanicamente apenas o suficiente para que as engrenagens do corpo não parassem de girar.

— ‘Dia, Mã.

Norma comia em silêncio, ausente, logo ela, tão pouco dada a devaneios. Havia algo destrambelhado no rosto da mãe aquela manhã. Alguns fios escapavam do coque, como se o cabelo estivesse eletrificado. Devia estar encasquetada com aquela história de circo. Desconfiava de tudo o que viesse de fora de Pausado. Não dava chance nem para os mascates que apareciam na cidade vendendo engenhocas do lar e tecidos. Mesmo pagando mais caro preferia comprar no armazém do velho Jucá.

— Acho melhor eu ficar na casa, Massimo.

O Sr. Perim terminou seu gole de café e pousou a xícara na mesa.

— Do que você está falando?

— Não sabemos quem é essa gente — sussurrou Norma. — Já imaginou? A cidade toda trancada naquela tenda enquanto eles se aproveitam para pilhar as nossas casas e...

— Deixa de bobagem, Norma.

— Mas...

— Os ingressos estão comprados e não fazem reembolso.

Líbero sorriu da esperteza do pai, Massimo sabia como ganhar uma discussão. Se tinha algo que Norma não suportava era desperdício financeiro. Voltou a comer em silêncio enquanto o marido formatava o cronograma familiar com sua objetividade jornalística.

— Volto pra casa às seis, saímos às sete, todos com as melhores roupas, claro, e ai se alguém atrasar, deixo pra trás, não quero nem saber.

Massimo não queria perder nada, parecia mais criança do que o próprio filho — até aí, Líbero sempre teve um quê de menino precoce, criança madura. Desde os oito anos trabalhava depois da escola na redação da *Gazeta de Pausado*, jornal fundado por Massimo doze anos antes. Pode parecer absurdo que uma cidade tão pequena, mais precisamente com seus quatrocentos e nove habitantes, tivesse um periódico, mas era assim, o que dizer?

Líbero implorara para que os pais o deixassem passar algumas horas por dia, todos os dias, no escritório da *Gazeta*. “Depois da aula, mãe, por favor. Eu não vou atrapalhar, juro.” Líbero queria ver com os próprios olhos como os acontecimentos do mundo se transformavam em palavras e as palavras em notícias e as notícias em jornal.

Norma demorou a aceitar. Queria o filho debaixo das suas asas.

Mais do que o perigo de perder um dedo na prensa de tipos móveis, tinha medo do que todas aquelas manchetes e notícias podiam fazer com a cabeça do menino. É preciso entender: ela própria não lia o jornal do marido. Dizia não entender a serventia de ler sobre cidades e países e pessoas que ela nunca conheceria.

— Ler pra que, se nem conheço essa gente?

Guerras do outro lado do oceano, coroações de reis, eleições de políticos, hecatombes... Nada disso interessava a ela, nada disso lhe dizia respeito. Preferia se ater à pequenez de Pausado. Massimo dizia que isso era pavor pelo mundo que não cabia em suas pupilas, mas Líbero sabia que não era medo, ou só medo, que a mãe sentia. Ela simplesmente sabia se satisfazer com pouco. Nas refeições e na vida, Massimo comia entrada, prato principal e sobremesa, enquanto D. Norma ficava saciada apenas com uma saladinha de folhas colhidas no próprio quintal.

O mundo de Norma se resumia ao que estava ao alcance dos seus olhos e mãos, às terras que podia pisar, às pessoas que conhecia pelo nome e que podia cumprimentar, como se acreditasse que todo o resto — as outras cidades, países e pessoas que estampavam as páginas da *Gazeta de Pausado* — fossem obra da imaginação fértil de Massimo Perim.

Norma lia somente a parte do jornal que fazia referência às notícias locais, as safras das plantações de milho, fofocas, batizados e casamentos sobre os quais todo mundo já estava sabendo e que saíam no jornal só para os envolvidos poderem guardar o impresso com seus nomes.

Teimosa, nem com o tempo seria capaz de mudar. Ainda lembro que muitos anos depois, quando Líbero já tivesse se tornado um

jornalista de certo prestígio na capital, Vindouro, Norma continuaria sem ler os periódicos, limitando-se apenas a recortar e guardar as reportagens escritas pelo filho.

— Quem lê tanta notícia? — repetiria ela, abismada, tesoura em punho.

Ver o nome do seu menino-homem estampado no jornal lhe daria orgulho, mas continuaria acreditando até o fim que o melhor para Líbero teria sido ficar em Pausado, protegido. Mães.

Esse seu desejo talvez houvesse se concretizado caso tivesse sido firme, cortado o mal pela raiz e proibido Líbero de trabalhar na *Gazeta*. O futuro é uma guerra que se ganha nas pequenas batalhas. Mas não: cedeu aos apelos do garoto e permitiu que ele, já aos oito anos, comesse a trabalhar no jornal do marido, todos os dias depois da aula.

Assim, no dia em que o Circo Bosendorf ancorou em Pausado, Líbero — mesmo sendo sábado — não quis nem ouvir falar de folga do trabalho. Aquela seria a edição mais importante de todos os tempos da *Gazeta de Pausado* e ele, redator-repórter-editor-chefe-júnior, não ficaria de fora apenas observando.

Fora ele mesmo quem criara a denominação do cargo.

— Redator-repórter-editor-chefe-júnior — repetia, pomposo. Só faltava o cartão de visitas. Um dia chegaria lá.

Engoliu o café da manhã, lavou os pratos e talheres, e às nove pontualmente estava na porta esperando o pai para caminharem juntos até a redação. Massimo não tolerava atrasos, mas naquele dia foi justamente ele quem se tardou alguns minutos. Às nove horas e sete minutos apareceu na porta, ofegante, o hálito de café denunciando que não tivera tempo nem para escovar os dentes.

Líbero estilingou os olhos na direção do topo do morro, talvez colina, para reconfirmar que a tenda azul ainda estava lá. Estava. Será que Rubio já estava sabendo da grande nova? O circo podia ser visto de qualquer ponto da cidade, era difícil passar batido, mas do jeito que Rubio era desligado...

A *Gazeta* era publicada duas vezes por semana, três em ocasiões especiais como aquela, e não havia tempo a perder, tinham muito a averiguar e escrever para que a edição extraordinária chegasse às casas dos assinantes no mais tardar ao anoitecer do dia seguinte, ostentando evidentemente a seguinte manchete: PAUSADO RECEBE O CIRCO.

Líbero dobrou o passo atrás do pai. Um átimo fantasiando e já ficara para trás, tão ágeis aquelas pernas de gigante que Massimo carregava sob o quadril. Em poucos minutos avistaram a sede do jornal, uma casa estreita, de muros baixos e inteira branca, como todas as outras da cidade.

A *Gazeta* ficava na Praça Central, localizada perfeitamente no meio de Pausado. Ao redor dela, a cidade se organizava em três anéis de alamedas concêntricas, a Primeira Alameda, a Segunda Alameda e a Terceira Alameda, cortadas por 12 ruas transversais — Rua 1, Rua 2, Rua 3, etcétera — que partiam da praça, cruzavam os três quarteirões de casas e terminavam no nada, apontando em direção às plantações de milho que cercavam a cidade. Para quem subia ao alto do morro, talvez colina, era como se deparar com um relógio gigante de 12 ponteiros.

A passos de uma notícia que não podia esperar, Líbero e Massimo cruzaram pela mureta baixa e chegaram à soleira da *Gazeta*. Massimo descansou a maleta de couro no chão.

— Quer tentar mais uma vez?

Líbero sorriu, confirmando com a cabeça. Puxou a maçaneta para baixo e, com todas as suas forças, jogou seu corpo contra a porta. Nada. De novo. De novo. Nada. Por que tinha que ter nascido tão mirrado, tão fracote? Era pequeno, mesmo para a idade. Tinha medo de que nunca fosse crescer, de estar fadado a perder para sempre no braço de ferro.

— Caramba, Pa, quando você vai arrumar essa porta?

— No dia em que você conseguir abri-la sozinho, que tal? — respondeu Massimo.

A porta de madeira estava empenada fazia anos, mas o pai nunca tinha tempo ou interesse suficiente para arrumá-la. Estava longe de ser agradável, é claro, mas bastavam dois ou três trancos e, *voilà*, abria-se o caminho para a sede da *Gazeta*. Sede talvez não fosse o termo mais apropriado, mas provavelmente não existe um vocábulo preciso para descrever as dependências de um jornal cuja tiragem era de 243 exemplares.

Para a sorte de Líbero, a vantagem de a cidade ser tão pequena é que não precisavam sair pelas ruas vendendo o jornal, função que certamente sobraria para ele. Os 409 habitantes, com exceção das crianças, eram todos assinantes e pagavam uma mensalidade para Massimo manter o jornal funcionando. A cooperativa dos fazendeiros pagava uma taxa extra para que a *Gazeta* publicasse notícias das colheitas e os números das safras.

Também os comerciantes da cidade, o velho Jucá e o velho Kalil, desembolsavam boa quantia para ter direito a propaganda. Não suportavam um ao outro. Não viviam um sem o outro. É claro que a propaganda era desnecessária, eram os únicos armarinhos da cidade,

mas travavam havia décadas uma guerra particular. A *Gazeta* era só mais uma batalha. Peleja por prestígio e poder. Massimo, que de bobo não tinha nada, atiçava a competição.

— O senhor sabe, seu Kalil, que agora o seu Jucá está com um anúncio de página dupla?

— Quero duas. Duas, me ouviu?? — berrava Kalil com seu sotaque de quem não largou o próprio *souk* e atravessou meio mundo para acabar derrotado por um velho Jucá qualquer.

E era assim, entre assinantes e patrocínios, que o jornal se mantinha, fora assim que tinham ganhado aquela casa na Praça Central para usar de sede.



Tão logo entraram e Massimo fechou a porta empenada, toda a tranquilidade da praça foi rapidamente extirpada pelo cheiro de cigarro, café, papel e tinta. Persianas fechadas, pilhas de documentos, escaninhos, armários. Ali, Líbero deixava de ser filho para se tornar um dos três funcionários da *Gazeta de Pausado*.

— Rubio! — berrou Massimo, prolongando o U exageradamente como sempre fazia, feito um automóvel buzinando para anunciar sua chegada.

Dos funcionários da *Gazeta*, Rubio era o único que não pertencia à família Perim, ainda que de certa forma fosse para Massimo o segundo filho que ele e Norma nunca conseguiram trazer ao mundo. Aparecera nas bandas de Pausado quando Líbero tinha apenas três anos.

Quatro meses antes, Hugo Kousaski, um estrangeiro que vendera para Massimo uma prensa de tipos móveis e lhe ensinara tudo o

que se podia aprender sobre as técnicas e procedimentos de produção de jornais, morrera de um mal súbito, desses que assombram os homens que passam a maior parte das suas vidas tentando enterrar memórias, e de fato enterram, até que a recordação volta do túmulo matando os donos de susto e desgosto.

A morte de Kousaski deixou um perigoso vazio pairando sobre o futuro da *Gazeta de Pausado*. O jornal passou doze semanas com apenas uma edição semanal, que Massimo Perim — sem conseguir encontrar um substituto para o finado amigo e editor — produzia sozinho à base de muito sacrifício. Em uma cidade tão pequena, era difícil encontrar alguém desempregado, muitos não, obrigado, sorrisos amarelos, estavam todos satisfeitos nas suas profissões, ainda mais para se arriscar em um jornal pouco lucrativo e de futuro incerto.

Ninguém acreditava que Massimo seria capaz de levar a *Gazeta* adiante sozinho.

Foi nesse contexto que Rubio surgiu, um jovem com cara e trejeitos de cigano, sem mala e sem sobrenome, sabe-se lá se era tão jovem assim, se tinha vinte ou trinta anos, mas ninguém perguntou, pois há perguntas que interessam e perguntas que não interessam e as únicas que interessavam, pelo menos a Massimo, naquele momento, eram:

— Você sabe ler?

— Sei.

— Sabe escrever?

— Sei.

— Sabe operar uma prensa de tipos móveis?

— Uma o quê?

Foi contratado. E ali Rubio permaneceu, morando desde então em um quartinho nos fundos da sede da *Gazeta de Pausado*, exatamente onde ele estava quando Perim pai e Perim filho chegaram naquela manhã.

Lá dos fundos, escutaram uma revoada de objetos despencando no chão. Rubio, com sua falta de jeito e pressa apocalíptica de atender aos chamados de Massimo, sempre derrubava tudo pelo caminho. Em sua defesa, dizia ser “gago de mão”. Podem procurar nos manuais de medicina, afirmava ele, é uma doença muito bem catalogada.

Surgiu no corredor, sorridente e esbaforido, sem camisa, mas com o chapéu-palheta na cabeça, sempre esquecido ali, parte do seu corpo. Rubio nunca o tirava. Um chapéu de palha, perfeitamente redondo, de abas retas, cone baixo, copa plana e um laço azul, esfiapado.

— Chegaram cedo, os meus meninos Perim!

— Meus meninos uma ova, seu punça! E cedo menos ainda, estamos é atrasados! Não está sabendo quem chegou na cidade?

— O papa?

— Ah, que beleza, o repórter da *Gazeta* é o último a saber das novidades...

— Desembucha logo, Pa! É o circo, Rubio, o circo está em Pausado!

— O circo...? — reagiu Rubio, meio perguntando, meio dizendo por dizer. E todos repararam na trepidação do som daquela palavra na sua voz sempre afirmativa e segura, a mesma trepidação que Massimo deve ter sentido na voz de Hugo Kousaski antes de ele ser fulminado por aquele mal súbito. O tremelique das memórias enterradas.

— Sim, o circo, agora, mete logo uma camisa e vá ter comigo no meu escritório.

— Eu... Sim, Sr. Massimo — disse Rubio, antes de se afastar com a cabeça um pouco cabisbaixa, as abas do chapéu-palmeta cobrindo seus olhos atordoados.

Líbero acompanhou em silêncio o pai até seu escritório de editor-chefe, um cantinho equipado com uma escrivaninha pesada e uma máquina de escrever. Massimo sentou na cadeira dura, sem estofado — “o conforto é inimigo da perfeição, Líbero” —, e revirou alguns papéis das pilhas faraônicas antes de se voltar novamente para o filho.

— Você vai com o Rubio até lá, entrevistem uns cinco, dez fulanos, não mais que isso, ah, algumas palavras com o proprietário, é claro, mas o principal são as estrelas, as atrações principais, e não me esqueçam dos palhaços.

Rubio reapareceu no salão, agora com uma camisa amarrotada, ainda que limpa para os seus padrões. Ele, que em geral chegava com trilha sonora, assobiando a melodia de algum tango ou bolero, estava quieto dessa vez.

— Já passei tudo pro Líbero, ele te explica no caminho, agora subam logo até aquele picadeiro e não me voltem sem algumas histórias suculentas.

— Farei o meu máximo, senhor Massimo.

Rubio nunca resistia em provocar o chefe com aquele trocadilho infame. “Que máximo, senhor Massimo”, ou: “Achei esse livro o máximo, senhor Massimo”, e assim por diante, em uma série de variações que punham sua criatividade à prova. Líbero se divertia com o amigo, enquanto o pai fingia não se dar conta da piada infame.

Naquela manhã, porém, quando da boca de Rubio saíram aquelas palavras, “farei o meu máximo, senhor Massimo”, a piada saiu morta, sem naturalidade, como uma paródia de si mesma, e nem

Líbero conseguiu rir. Um silêncio brotou dentro de Líbero: algo não estava certo com Rubio.

— Estão esperando o quê? — bradou Massimo.

Rubio e Líbero partiram imediatamente na direção da porta de madeira empenada, dois, três trancos e *voilà*, ali estava a Praça Central, sua luminosidade suave, os jardins, o coreto, mas antes que pudessem cruzar a soleira, Massimo levantou os olhos da máquina de escrever, na qual começava a datilografar.

— Ah, Rubio, quase que me esqueço: aproveitem que vão até lá e comprem mais um ingresso, você é meu convidado.

Rubio pareceu demorar alguns instantes para entender do que o chefe estava falando.

— Obrigado, Sr. Massimo — foi só o que ele disse, vago. Logo ele, tão superlativo.

Partiram, cruzando a praça, enquanto Massimo voltava a datilografar. Tudo indica que, enquanto seu filho e Rubio começavam a subir pela estreita trilha de terra que levava ao cume do morro, Massimo escrevia com fervor um breve editorial sobre a história e origens da arte circense.

Lembro que muitos anos depois, quando o garoto Perim já não fosse um garoto, mas um homem casado e no auge da sua carreira jornalística na capital, Líbero ainda guardaria um exemplar intacto daquela edição da *Gazeta*. Sua maior relíquia. PAUSADO RECEBE O CIRCO, ele não se cansaria de reler. E de cheirar: o papel-jornal da *Gazeta de Pausado* com seu odor especial, uma fragrância agridoce que perseguiria Líbero pelo resto da vida.

Muitas noites, quando duvidasse das suas capacidades jornalísticas ou simplesmente quando sentisse falta do pai e daqueles dias de

menino-repórter, Líbero secretamente abriria aquelas páginas para reler o editorial que Massimo escrevera naquela manhã, defendendo que, mais do que uma extravagância, o circo era uma celebração do impossível, uma exaltação da capacidade humana de criar e deslumbrar. *Um pequeno milagre, Líbero, um milagre estupendo.*

Um trecho especialmente encantador dizia assim: “Por trás de cada equilibrista que sobe na corda bamba, há não apenas as centenas de horas de treino e dedicação que ele investiu em sua arte, mas todas as infinitas horas de treino, dedicação e bravura que todos os outros equilibristas, artistas e inventores mil antes dele investiram e arriscaram para que evoluíssemos dos macacos até virarmos homens. Homens conscientes de que podemos — e devemos — sonhar além da simplória estabilidade do chão.”

D. Norma, tão beata, não gostou nem um pouco daquela história de evolução e macacos, inclusive teve que se explicar com o padre Enrico no dia seguinte, mas o marido não quis nem saber de pedir desculpas. Um sonhador, assim era Massimo Perim.

**Quando o Circo Bosendorf** chega a Pausado e se instala naquela que possivelmente é a menor cidade do mundo, toda sorte de eventos pode acontecer. Massimo Perim, com seu apurado faro jornalístico, logo envia ao local uma equipe da sua *Gazeta de Pausado* para descobrir quais serão as atrações da tão esperada noite. Seu filho Líbero – autointitulado “redator-repórter-editor-chefe-júnior” do jornal – e Rubio, o fiel escudeiro dos Perim, partem rumo à empreitada sem imaginar que algo fantástico e inexplicável espera por eles.

Embora tenha crescido imerso em aventuras literárias, naquela noite será oferecido ao menino um livro que ele nunca imaginaria ter nas mãos, um volume grosso, de capa vermelha, e, a cada página virada, a oportunidade de ler eventos do próprio futuro reescrito em diferentes versões. Aceitar levá-lo ou rejeitar a chance de saber o roteiro da própria vida são as alternativas que podem mudar para sempre o destino não apenas de Líbero, mas de todos aqueles que ama e da própria cidade.

Em seu livro de estreia, Alfredo Nugent Setubal leva o leitor para um passeio pelos caminhos da memória, investiga a natureza do tão familiar sentimento de “e se tivéssemos feito tudo diferente?” e nos mostra que o futuro talvez não passe de inúmeras versões do caleidoscópio do presente.

**Saiba mais em:**

[www.intrinseca.com.br/livro/951/](http://www.intrinseca.com.br/livro/951/)